



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: "Arte, Cultura e Comunicação"

"DN JOVEM (1983-2007) – TRAJECTO, DINÂMICAS E LEGADO DE UM SUPLEMENTO JUVENIL"

FREITAS , "Helena de Sousa"

"Doutoranda em Ciências da Comunicação"

"ISCTE - IUL"

helena@jornalismo-literatura.com

Resumo

O DN Jovem foi idealizado em 1983 por Mário Mesquita, então director do Diário de Notícias, à imagem do antecessor DL-Juvenil mas com o objectivo de ter um rumo mais próximo do jornalismo de investigação, podendo até “servir até um pouco de escola” nessa área. Porém, a participação dos leitores (logo aí tornados colaboradores) inclinou o suplemento para a poesia, o conto, a fotografia...

Ao longo de 13 anos, este lugar único na imprensa portuguesa foi a rampa de lançamento de escritores entretanto reconhecidos, como José Eduardo Agualusa, José Luís Peixoto ou António Manuel Venda, divulgou os primeiros trabalhos dos cartoonistas e ilustradores Álvaro e João Fazenda e acolheu textos de José Mário Silva ou Pedro Mexia, hoje reputados críticos literários.

Mas, apesar do êxito cultural e do aplauso público de que o DNJ granjeava, a Administração/Direcção e o departamento comercial do jornal que o publicava questionavam a sua valia do ponto de vista financeiro e, em Junho de 1996, aproveitando a propalada emergência da Internet, deslocaram o caderno juvenil do papel para o suporte digital.

A empresa ficou livre dos custos inerentes à impressão das oito páginas do suplemento mas, com isso, privou o público daquela montra artística semanal, pois, à data, a rede não era acessível à maioria dos cidadãos.

Esta transição – que exaltou ânimos dentro e fora do DN – foi sucedida de um desinvestimento progressivo no DN Jovem, cujo destino não foi alheio à turbulência vivida no DN, que mudou do Grupo PT para a Controlinveste em 2005 e teve cinco directores entre 1996 e Março de 2007, data em que o DNJ foi extinto, a cerca de um ano de celebrar um quarto de século.

O trabalho de investigação de onde se extrai a presente comunicação incluiu uma análise dos conteúdos do DNJ em quatro períodos distintos e o exame de 18 entrevistas semi-estruturadas a colaboradores e coordenadores do DNJ e a membros da Direcção do Diário de Notícias, visando conhecer o trajecto, as dinâmicas e o legado de uma iniciativa emblemática na imprensa portuguesa.

Abstract

DN Jovem was conceived in 1983 by Mário Mesquita, then director of Diário de Notícias, in the image of its predecessor DL-Juvenil but with the goal of following a path closer to investigative journalism, even “serving somewhat as a school” in that area. However, the participation of the readers (become contributors) tilted the supplement towards poetry, short stories, photography...

Throughout 13 years, this unique place in the Portuguese press was the launch pad for now honoured writers, like José Eduardo Agualusa, José Luís Peixoto or António Manuel Venda, disclosed the first works of cartoonists and illustrators Álvaro and João Fazenda and was home to texts written by José Mário Silva or Pedro Mexia, currently renowned literary critics.

But, despite the cultural success and the public applause that DNJ had, the Administration/Direction and the commercial department of the newspaper that published it questioned its financial value and, in June 1996, leveraging on the much vaunted emergency of the Internet, dislocated the youth supplement from paper to digital.

The company was freed from the costs related to the printing of the eight pages of the supplement but, by doing it, it deprived the audience from that weekly artistic showcase, because, at the time, the Internet was not accessible to most citizens.

This transition – that flared passions inside and outside DN – was followed by a gradual disinvestment in DN Jovem, whose fate was not extraneous to the turbulence at DN, which was sold by Grupo PT to Controlinveste in 2005 and had five directors between 1996 and March 2007, the month that DNJ became extinct, when it was only about a year away from celebrating a quarter of a century.

Palavras-chave: "Suplementos juvenis; jornalismo; cultura; dicotomia papel/digital"

Keywords: "Youth supplements; journalism; culture; paper/digital dichotomy"

1. Assim nasce um suplemento

No início da década de 80 do século XX, o Diário de Notícias (DN) era, nas palavras do seu então director, Mário Mesquita, um título “líder e próspero”, em que havia mais a necessidade de “conquistar certos segmentos da população para a leitura do jornal do que propriamente um problema de carência de publicidade”, já que o periódico tinha, então, “uma enorme força, designadamente na área do pequeno anúncio”. Neste contexto de relativo desafogo financeiro, o DN preocupou-se, pois, em captar a faixa de público em que tinha baixa aceitação: os leitores com entre 18 e 24 anos.

Assim, surge, a 24 de Maio de 1983, o DN Jovem (DNJ), suplemento de colaborações idealizado por Mário Mesquita à imagem do Juvenil do Diário de Lisboa mas para o qual se pretendia “um rumo que tivesse mais a ver com um certo jornalismo, jornalismo de investigação”, podendo até, “numa altura em que ainda mal tinham começado os cursos de comunicação e de jornalismo, servir um pouco de escola”, como explicou numa entrevista que nos concedeu a 18 de Maio de 2007.

Os planos justificam o desafio lançado na estreia do suplemento: “Nesta primeira semana predominaram os poemas e os textos literários. Será que na próxima vão começar a chegar os textos jornalísticos – as reportagens, as entrevistas, os artigos?”, questiona-se na primeira edição do DNJ. Em resposta ao repto, os jovens participantes continuaram a inclinar-se num sentido mais literário, artístico, e – como “não havia nenhum modelo dogmático” a impor – “a lógica foi ir seguindo um pouco essa tendência”, explicou Mário Mesquita, que colocou na coordenação do projecto “um jornalista com qualidade, a meio de carreira, um bom repórter” – Manuel Dias.

1.1. Primeira década de vida do DNJ

Em entrevista ao Jornal de Letras, Artes e Ideias, Manuel Dias recordou que, embora o suplemento contasse publicar também trabalhos sobre a juventude elaborados por jornalistas do próprio DN, “o entusiasmo da rapaziada foi tal que a sua colaboração acabou por tomar conta do espaço” (Salazar, 2000, p. 6), verificando-se, até 1985, um crescimento exponencial do número de participantes, com entre os 12 e os 25 anos. Semanalmente, muitos jovens tinham, além do incentivo e reconhecimento da publicação, uma retribuição “material”, pois os autores dos melhores trabalhos recebiam prémios – geralmente livros que as editoras ofereciam com essa exclusiva finalidade.

Salvo os curtos períodos em que saiu ao domingo ou à quinta, o DN Jovem fixou-se nas terças-feiras, sendo publicado regularmente com oito páginas a partir de Novembro de 1992.

Ao longo dessa primeira década, não se limitou a incentivar a escrita, o desenho e a fotografia nas páginas do jornal – promoveu recitais, conversas com personalidades da cultura e salões de artes visuais. Em 1986 e 1987 fez edições especiais de prosa e texto jornalístico, com júris que incluíram Casimiro de Brito, José Agostinho Baptista, Maria Alberta Menéres, Mário de Carvalho, Teolinda Gersão ou Lídia Jorge, escritora que, em 1993, pelos dez anos do suplemento, considerou que “sem *numerus clausus*, nem propinas, este caderno tem sido o curso de criação livre que todas as universidades do mundo têm dificuldade em conceber mas que na Universidade portuguesa atinge o grau zero absoluto” (DNJ, 30/05/1993, p. 16).

Uma validação externa certamente bem-vinda mas que mais não faria do que corroborar uma consciência do valor próprio que transparece na introdução da “Antologia DN Jovem” (AA.VV., 1990, pp. 5-6), para a qual Dinis de Abreu, membro da Direcção que apadrinhara o suplemento, escreveu:

O DN Jovem tornou-se inseparável do jornal que o publica. Inconformista, até rebelde, ousando modelos e propostas que são o espelho natural da sua vitalidade, este *jornal de jovens* é um roteiro obrigatório para quem queira ter uma noção mais exacta do que pensa e por que assim pensa uma geração que protagonizará o futuro que já começou. (...) O DN Jovem é hoje um ponto de referência curricular para novos nomes que conquistam terreno nas letras e nas artes. Aqui tiveram a primeira experiência de comunicar com um círculo alargado, exigente mas solidário.

1. 2. Berço de talentos para a cultura portuguesa

Na primeira década de existência do suplemento, passaram pelas suas páginas José Vegar, Ricardo Garcia, José Eduardo Agualusa, José Riço Direitinho, António Manuel Venda, Luís Filipe Silva, Fernando Sobral, João Paulo Baltazar ou Luís Graça, nomes que, entretanto, granjearam reconhecimento no jornalismo, na literatura ou em ambos os territórios. Nas artes visuais, destacavam-se, então, Miguel Krippahl, João Paulo Martins ou João Manuel Marques. Seguiram-se José Luís Peixoto, Pedro Mexia, José Mário Silva ou Margarida Vale de Gato nas letras; Álvaro Santos, João Fazenda ou Paulo Buchinho no desenho; Bruno Rascão e Susana Paiva (que assinava com os nomes do meio: Maria Cerdeira) na fotografia. E não se pretende ser aqui exaustivo.

Importa, contudo, destacar a importância assumida, no tempo, por este suplemento junto daqueles que para ele contribuíram e, nesse sentido, alguns exemplos são esclarecedores. José Eduardo Agualusa (2007) assume publicamente dever ao coordenador Manuel Dias a publicação do seu primeiro livro, “A Conjura” (1989), “pois foi ele quem entregou o manuscrito ao editor”, e António Manuel Venda tem afirmado em diversas entrevistas que construiu a primeira novela, “Os Abençoados Fiéis do Senhor S. Romão”, e o primeiro livro de contos, “Quando o Presidente da República Visitou Monchique por Mera Curiosidade”, a partir de textos antes difundidos no DNJ.

Outros autores reforçariam esta tendência. Luís Filipe Silva recuperou para “O Futuro à Janela”, vencedor do Prémio Caminho de Ficção Científica em 1991, trabalhos que haviam tido a sua estreia no suplemento, e José Luís Peixoto resgatou das páginas do jornal poemas para “A Criança em Ruínas”, bem como a parte inicial do livro “Morreste-me” (2002, p. 39), onde uma nota informa que “o primeiro capítulo foi publicado no suplemento juvenil do Diário de Notícias, DN Jovem, a 7 de Maio de 1996”.

A gratidão para com o suplemento é evidenciada também por colaboradores de outras áreas:

Todo o meu desenvolvimento na fotografia teve sobretudo a ver com a possibilidade de publicação no DN Jovem e com o feedback que o DN Jovem me ia dando. Obviamente na figura do coordenador, Manuel Dias, mas também na de uma das pessoas que era responsável pela selecção da fotografia, que era o José Soudo.

O testemunho, que recolhemos a 26 de Julho de 2007, é de Susana Paiva, um dos muitos exemplos de vocações desviadas pelo DNJ, pois trocou a sua formação em Psicologia pela fotografia.

Também José Mário Silva, licenciado em Biologia, revelou na última edição impressa do DNJ, a 28 de Maio de 1996, ter sido “contagiado pelo bicho do jornalismo” (p. 9) na esteira da sua participação no caderno juvenil, havendo outro jornalista que “culpa” o DNJ pela sua migração de área, concretamente do curso de Direito para as redacções – Fernando Sobral, colaborador da primeira geração que, num registo de humor, evocou a mudança no 10.º aniversário do suplemento:

Se não tivesse começado a escrever aqui, hoje podia ser juiz em Reguengos de Monsaraz ou em Algueiros de Baixo e, se calhar, era um rapaz profundamente infeliz, a pensar: ‘Meu Deus, porque é que eu tenho de estar aqui a julgar?’ (Graça & Lopes, 1993).

O Direito perderia, pelo menos, outro elemento: Pedro Mexia. Tendo assinado diversos trabalhos no DNJ como “advogado estagiário”, este poeta e crítico literário descreveu o suplemento como “o espaço intermédio entre a gaveta e o livro” (Almeida, 2004), num tempo em que não existia a Internet para os desconhecidos mostrarem o seu trabalho e em que as editoras apostavam sobretudo em nomes já consagrados.

2. Dinâmicas (in)visíveis de uma comunidade

Diversos valores revelados no DNJ foram vendo o seu talento caucionado por prémios da Associação Portuguesa de Escritores ou em sucessivas edições do concurso Jovens Criadores, como sucedeu a Dóris Graça Dias, João Bento, Rui Manuel Amaral, Rodrigo Francisco, Sandra Augusto França, José António Nunes (que assinava Nunes Jack), José Mário Silva ou Ana Eduarda Santos.

Para a evolução artística destes autores terão contribuído os conselhos e críticas da coordenação do suplemento, que dinamizava a coluna de respostas “Isto é contigo”, mas também uma interacção voluntária que se animou para lá das páginas do caderno. Poderemos falar na estruturação de uma comunidade em torno do DN Jovem, sobretudo durante os 13 anos em que se publicou impresso?

Considerando o pensamento de Tönnies – que destaca a “*proximidade intelectual*” como sustentáculo das comunidades de espírito ou vida mental (1979, p. 47) – e os pilares propostos por Chavis e McMillan para a criação do designado “sentido de comunidade” – a pertença, a influência, a integração e a satisfação de necessidades e, por fim, a partilha de relações emocionais (1986, p. 9) –, concentrámo-nos nas relações de influência criativa e de partilha cultural desenvolvidas por vários colaboradores e na importância das mesmas para a construção de uma rede de sociabilidade e para a formação/consolidação da identidade artística dos seus intervenientes.

Antes, no entanto, detivemo-nos no papel desempenhado pela coordenação do suplemento no estabelecer de uma maior proximidade entre os colaboradores.

2.1. O papel impulsionador da coordenação

Consciente do contributo que o suplemento podia dar para a edificação de um sentimento de comunidade entre os participantes e, conseqüentemente, para o surgimento de um clima de tertúlia intelectual, várias iniciativas foram promovidas à margem das páginas do caderno, como recordou Manuel Dias em entrevista, a 17 de Abril de 2007:

Encontros presenciais fizemos para aí uma dúzia no Parque Eduardo VII, fomos a Tomar nos dez anos do DN Jovem, acho que foi nos dez, promovemos um almoço em Sintra e fizemos umas sessões de idas ao cinema ou ao teatro com entrevistas aos actores no final.

Paralelamente às actividades organizadas pelo suplemento, “havia muita gente que pedia o contacto de outras pessoas”, contou o antigo coordenador do DNJ, lembrando que, numa altura em que o e-mail ainda não existia, as afinidades se cimentavam por telefone e por carta, surpreendendo inclusivamente a coordenação do suplemento, como notou:

O Joaquim Cardoso Dias estava em Castelo Branco e eu fiquei muito espantado ao perceber, às tantas, a familiaridade que ele tinha com pessoas que estavam noutros sítios, como o José Carlos Barros, a Sandra Augusto França ou a Isabel Almeida Santos. Aliás, a Isabel Almeida Santos escrevia cartas de quilómetro a uma série de gente.

De facto, após uma primeira fase em que os leitores ou colaboradores que desejavam estreitar contacto com os autores de trabalhos publicados no DNJ endereçavam as suas missivas aos DN, a interacção tornava-se directa, sem a mediação de quem coordenava. Uma interacção que podia ser privada, como associamos a uma troca de cartas, ou pública, como sucedia nos encontros e tertúlias.

2.2. Uma vivência tertuliana

Os encontros revelaram-se, de acordo com alguns colaboradores entrevistados, um momento de partilha e descoberta, de efectivo fervilhar intelectual. E passe-se a palavra a Luís Filipe Silva, que, a 27 de Julho de 2007, nos concedeu uma entrevista precisamente no Parque Eduardo VII:

Lembro-me de estarmos aqui e no Diário de Notícias a ler textos e a divulgar livros. Conheci alguns autores através disso. Conheci ‘Os sonhos de Einstein’, um livro muito giro do Alan Lightman, antes de ser publicado em Portugal. Lembro-me de que foram lidos aqui alguns textos depois publicados em livros que agora, se calhar, são importantes, como o ‘Morreste-me’, do José Luís Peixoto.

José Mário Silva corrobora esta vivência com o seu testemunho, recolhido a 2 de Maio de 2007 nas instalações do DN, onde então trabalhava e para o qual fora “recrutado” a partir do DN Jovem:

Nós reuníamo-nos e era um complemento da experiência do DN Jovem. Por um lado, muitas vezes comentávamos o suplemento, aquilo que achávamos, de que é que tínhamos gostado mais ou menos, líamos textos que estávamos a pensar enviar para o suplemento – ou que eram para ficar na gaveta – para ter a opinião dos outros, comentávamos os livros que andávamos a ler, os filmes que víamos, etc.

Ainda segundo José Mário Silva, cada encontro era “puramente cultural”, muitas vezes sucedido de uma ida ao cinema, tendo a tertúlia durado “pelo menos uns dois ou três anos”, até as exigências académicas ou profissionais dos participantes dificultarem a sua realização.

2.3. O legado de uma experiência juvenil

O fim dos encontros entre os colaboradores, resultante da entrada na vida adulta e/ou potenciado pela mudança de suporte do suplemento, que adiante abordaremos com maior detalhe, não logrou, contudo, destruir as afinidades anteriormente criadas, muitas das quais permanecem até ao presente.

Como assinalam Almeida, Costa e Machado (1990, p. 200), “as redes de comunicabilidade e de influência produzem socializações colectivas, geram e permitem a formação e a partilha de valores, de representações, de tipos de comportamento”, podendo as amizades e a camaradagem aí geradas contribuir para “sentimentos de identidade e pertença”. A este propósito, convocamos Luís Filipe Silva, que continua a rejubilar quando encontra outras pessoas que colaboraram no DNJ, como descreveu expressivamente:

É uma referência, quase como se tivéssemos todos passado pela Academia Militar. Eu, pelo menos, tenho esse sentimento. Mesmo quando vejo o [José Eduardo] Agualusa, que já não foi da minha geração, e o José Riço [Direitinho] – que já foi mais ou menos e que tinha textos que eu achava espectaculares, um ou dois dos quais até me inspiraram para fazer coisas semelhantes – sinto: ‘Ok, este gajo foi do DN Jovem, se eu tiver de falar com ele temos um ponto em comum’.

Também José Mário Silva, para quem o DNJ foi, além de um laboratório de escrita, “um laboratório de relações humanas fortíssimas”, realçou, na Feira do Livro de Lisboa em 2004, o pilar da sintonia intelectual, de que resultou uma relação de amizade sobrevivente no tempo:

Posso dizer que 90% dos meus amigos que partilham o gosto da escrita e da literatura foram feitos na altura do DN Jovem e, curiosamente, amigos que, muitos, não tinham aparentemente nada a ver comigo, quer em termos sociais quer políticos, etc. Mas ali encontrámos qualquer coisa que nos unia e eu acredito que nada pode quebrar essa união.

3. Uma decisão fracturante

Analisando diversas edições do caderno ao longo dos 13 anos da sua existência, encontramos aqui e ali a palavra “família”, aplicada não num sentido de clã, de círculo restrito, mas de um grupo disposto a acolher quem chega no âmbito da lógica de comunidade que destrinchámos.

O espírito subjacente ao DN Jovem sofreu, contudo, um duro revés em 1996, quando o suplemento abandonou o suporte impresso e migrou para uma Internet que, segundo o estudo “A Sociedade em Rede em Portugal”

¹, era então acessível a apenas 0,8% dos portugueses.

Compreender os fundamentos de uma decisão que exaltou os ânimos dentro e fora do DN e afectou de modo irreversível o trajecto do DN Jovem exige um recuo a 1992, quando o suplemento, até então uma espécie de secção, se tornou um caderno fisicamente autónomo do resto do jornal.

3.1. Breve existência do destacável DNJ

Em Março de 1992, Mário Bettencourt Resendes assumiu o cargo de director do Diário de Notícias, jornal que, na sua opinião, se atrasara a dar resposta à entrada do Público no mercado dois anos antes e que, então, procurava ganhar o seu espaço num mercado cada vez mais competitivo e mais difícil, tendo para isso ensaiado várias remodelações ao longo dos anos 90.

É neste contexto que, em Novembro de 1992, o DN decide investir na criação de diversos cadernos, assim nascendo o Compacto (de música), o Milhas (sobre motores – automóveis, barcos, aviões), o Estilos (de moda e de cultura urbana) e o DN Jovem.

Porém, quatro anos depois concluiu-se que a inserção de destacáveis diferenciados não surtira o efeito esperado, porque se estaria a fornecer aos leitores “uma quantidade de conteúdos incompatível com a sua

disponibilidade, em termos de tempo de leitura, ao longo da semana e, como tal, era um custo que não tinha um retorno adequado”, contou-nos Mário Bettencourt Resendes a 28 de Maio de 2007, justificando a decisão de suprimir vários destacáveis:

Houve um conjunto de motivos em que – também não escondo – pesaram factores económicos. Porque os custos de produção de vários suplementos semanais são elevados e houve que racionalizar custos em algumas alturas do meu mandato. Numa delas tivemos de sacrificar, optámos por sacrificar, alguns dos suplementos em favor do enriquecimento do primeiro caderno do jornal.

Quando a decisão se tornou conhecida, Manuel Dias foi apanhado de surpresa. Incapaz de acreditar na morte iminente de um projecto que acalentava para lá do empenho profissional, não partilhou de imediato a informação, pois “não dava para dizer que ia acabar, porque não fazia sentido. E eu tinha sempre a esperança de que aquilo não fosse mesmo assim”, revelou durante a entrevista.

Mas, a 21 de Maio de 1996, o editorial do suplemento deu a notícia aos leitores e colaboradores nos seguintes termos: “O DN Jovem ficará, brevemente, disponível na Internet. Só na Internet”. A decisão era justificada com as “exigências deste final de século” e as reacções não se fizeram esperar.

3.2. Uma transição controversa

Embora não assumido à data da transição, o aspecto económico não escapou aos leitores e colaboradores, que, na última edição do caderno, consagrada exclusivamente a reacções, se manifestaram num coro indignado, acusando abertamente a Administração do Diário de Notícias pela morte discreta mas anunciada do suplemento, que até então divulgara cerca de 15 mil trabalhos.

Entendida por diversos colaboradores como fruto de uma lógica mercantilista, que via no caderno uma fonte de prejuízo financeiro não compensado pelo prestígio cultural granjeado, a medida levou ao afastamento de vários participantes, alguns dos quais ainda enviavam os textos batidos à máquina por não terem acesso a um computador.

Das muitas vozes de protesto que se ergueram, Pedro Mexia terá tido a mais dura e incisiva:

Acabar com o DNJ é um crime contra a cultura. Digam o que disserem, nestes 13 anos o suplemento publicou excelentes textos, deu voz aos novos, ajudou uma geração a aprender a escrever. Esse mérito mais ninguém o teve. Acabar com o DNJ é um crime contra a juventude. Agora quem escreve deve escrever para a gaveta, e esperar até aos trinta anos, na melhor das hipóteses, para ver algum texto seu em letra de forma. Esse estado de coisas só o DNJ contrariava. Acabar com o DNJ é um crime contra o jornalismo. Numa profissão onde tanta coisa se faz em cima do joelho, havia um profissional que era capaz de telefonar num domingo à noite a um puto de 17 anos por causa de uma dúvida quanto a um ponto e vírgula. Acabar com o DNJ é deixar-nos órfãos e exercer administrativamente a ingratidão, a incultura e o economicismo primário. Deus queira que o crime não compense.

O impacto da “sentença” ditada ao caderno ecoou no tempo, como o comprova o facto de, quase dois anos depois, em Fevereiro de 1998, ter sido apontada como mau exemplo pelo ex-colaborador Luís Graça durante a sua intervenção no 3.º Congresso dos Jornalistas Portugueses. Investindo contra a “alma das Administrações, onde o lucro é reverenciado como o totem supremo, a única divindade a respeitar”, Luís Graça (1998, p. 315) foi peremptório: “Quando o DN Jovem passa à Internet e o suporte papel se limita a uma tímida página no Diário de Notícias, está quase tudo dito”.

Mas, apesar da surpresa causada pela medida, sinais de que o suplemento não era estimado por todos os sectores dentro do diário que o acolhia eram quase tão antigos quanto o próprio espaço...

3.3. Os antecedentes da migração extemporânea

De acordo com Mário Mesquita, desde cedo se verificou um contraste entre o enorme fluxo de correspondência recebida pela coordenação do DNJ, fluxo que ocupava desmedidamente Manuel Dias, e “a reacção dos órgãos de gestão da empresa, dos órgãos mais ligados à parte comercial e à parte de publicidade”, que não consideravam relevante a projecção conquistada pelo suplemento, já que a mesma

tocaria sobretudo uma franja de “jovens intelectuais”, pouco contribuindo para a concretização do objectivo do DN: consolidar-se como um órgão de comunicação de massas.

Manuel Dias reconheceu que os jovens que colaboravam e liam o DNJ não corresponderiam “ao típico jovem português”, pois “liam, viam cinema, ouviam música... coisas de qualidade. Sobretudo, liam. E o pessoal que colaborava na parte gráfica, de fotografia e desenho, tinha alguma formação em termos de educação visual”. Contudo, em termos qualitativos, “na perspectiva de tocar grupos de pessoas que mais tarde se viriam a revelar escritores, jornalistas, o suplemento teve uma influência positiva”, contrapôs Mário Mesquita.

Na indústria dos meios de comunicação social, porém, valores mais altos se levantam e Mário Bettencourt Resendes contou-nos que a dificuldade em rentabilizar as páginas do DNJ gerava desconforto a nível hierárquico, à semelhança, aliás, do que sucedia com outro produto cultural do Diário de Notícias, a publicação DNa, em relação à qual o então director teve de se empenhar “em braços-de-ferro bastante vigorosos” com o Conselho de Administração quando as contas mostravam que “era insustentável, porque saía muito caro”.

Segundo Manuel Dias, terá sido essa tensão a conduzir, inicialmente, à inserção de anúncios no caderno, antes “limpo”, sob o argumento de que “as páginas do DNJ eram páginas do DN e não podiam ter estatuto à parte”, bem como à sua posterior deslocalização para o meio digital, onde ficou disponível a partir de 18 de Junho de 1996.

4. Declínio de um espaço outrora de referência

Quando o suplemento ficou alojado em www.dn.pt/dnj, restando apenas uma página impressa do caderno no corpo do DN, a coordenação, que passou a integrar a ex-colaboradora Sandra Augusto França, dilatou o limite de idade máximo dos 25 para os 27 anos, procurando assegurar um número de colaborações semanais que contrariasse a previsível deserção dos participantes. E, não obstante o arranque conturbado, o DN Jovem digital foi crescendo em divulgação e número de visitantes.

Sónia Duarte, colaboradora que ingressou na equipa em Fevereiro de 2001, assegurou-nos, a 20 de Abril de 2007, que os acessos ao DNJ na Net haviam triplicado entre 2001 e 2003, verificando-se um acréscimo também no número de participantes – o que ficaria a dever-se ao retorno facultado pelos coordenadores, que, seguindo as regras do caderno impresso, disponibilizavam no site um espaço de resposta aos participantes onde as recusas de publicação eram justificadas, acompanhadas de sugestões de melhoramento.

Porém, a 22 de Maio de 2003, em declarações à Lusa, Sandra Augusto França, sua colega na coordenação, revelou que o suplemento se debatia com “falta de espaço físico e de meios” para se desenvolver, e, em Outubro de 2004, em nova entrevista à agência noticiosa, lamentou a “redução no número de horas” destinadas à execução do suplemento e o facto de este apenas dispor de uma página impressa, a qual não permitia sequer “a publicação de um texto na íntegra” excepto se muito pequeno.

Uma análise aos editoriais do resumo impresso mostram que a coordenação nunca encaixou essa perda, tendo chegado a expor a sua posição de forma explícita:

O tema de hoje são as frustrações. A nossa é de não termos espaço para uma amostra mais significativa (...) os fragmentos aqui presentes dão uma fraca imagem do vigor dos trabalhos seleccionados, o mesmo sucedendo na imagem com as reproduções a preto e branco” (DN-DNJ², 28/12/1997, p. 34).

Um exemplo entre outros tantos que detectámos também ao longo de 1998, 1999 ou já no ano 2000, indiciando que, quatro anos passados sobre a mudança, a mágoa permaneceria viva.

4.1. Sinais de um desinteresse progressivo

A par do diminuto espaço da página única que restara no corpo do DN, outros sinais de desinvestimento no suplemento começaram a evidenciar-se através do site.

Entre eles estão a supressão ou desactualização de secções do DNJ digital, como as “Notícias” ou o “Isto é contigo”, a publicação de textos demasiado longos para uma leitura confortável num ecrã, o subaproveitamento das valências do hipertexto, a inexistência de diálogo entre textos e imagens ou a ausência de caixas de comentários e de um arquivo das várias edições.

Como agravante, a imagem gráfica, datada de 1996, manteve-se inalterada, ao invés de acompanhar a evolução do design virtual. Um descuido estético que não escapou a Luís Filipe Silva, que, em entrevista, comentou:

[O DNJ digital] foi montado com uma estrutura técnica e de estilo de publicação que naquela altura fazia sentido, mas hoje há meios de publicação, há um estilo e uma forma de estar na Net e uma arquitectura conceptual para portais de textos, para revistas, para e-zines, muito diferentes, e o DN Jovem merecia ter tido uma actualização nesse sentido.

Visto do exterior, o DNJ digital não se afigurava mais tentador, a avaliar pela descrição do espaço incluída no estudo “Edição online do Diário de Notícias – Contributos para uma reflexão” (Nunes, 2007), no qual se sublinha que “o espaço do DN Jovem, contemplando a participação dos mais novos, surge numa página ausente de dinamismo, surpresa e sedução”.

O estudo foi divulgado na coluna que José Carlos Abrantes mantinha então como provedor do leitor do DN e através da qual tornou pública, cerca de um mês após a extinção do DNJ, uma mensagem sobre o suplemento que lhe fora remetida por uma leitora. Num tom decepcionado, esta lamenta que o site do DNJ se mostre “antiquado, pouco atractivo e funcional numa altura em que revistas online têm um papel tão importante na dinamização e na união e aumento da criatividade”. Perante tais constatações, o que impedia a coordenação do DNJ de vencer a inércia?

Sandra França, que estava encarregue do DNJ digital enquanto Sónia Duarte se concentrava na página impressa que restava no corpo do jornal, declarou-nos, a 11 de Abril de 2007, que, ao longo de uma década, enquanto o site perdia vitalidade, ela e a colega foram “acomodando todas as incompreensões” sentidas, nomeadamente a falência do diálogo com quem podia definir a orientação do suplemento. Em relação a essa passividade, “nunca saberemos se fizemos bem ou mal”, concluiu.

4.2. Nova transição... e novas evidências de desinvestimento

A página solitária do DNJ – geralmente inserida na secção de Artes ou Artes & Multimédia – manteve-se no corpo do DN até ser objecto de nova transição em Janeiro de 2006, quando a Direcção do jornal considerou preferível incluí-la numa nova publicação: a revista 6ª, coordenada pelo crítico musical Nuno Galopim. Uma vez mais, a decisão não teve o aplauso unânime dos envolvidos.

Se para Sónia Duarte a opção de inserir o suplemento numa revista semanal fazia sentido, já que o jornal “tem notícias de cadência diária e o DN Jovem estava ali um pouco à parte”, Sandra França considerou que o vestígio impresso do caderno juvenil não tinha, na 6ª, “um enquadramento muito específico”. Também Nuno Galopim, confrontado com uma decisão que o transcendeu, via a página “sem potencial e mal enquadrada” no âmbito da publicação de que era editor.

E, apesar de ter assumido inicialmente que a 6ª herdava o legado do DN Jovem, “um dos mais importantes laboratórios de desenvolvimento de novos talentos na escrita, ilustração e fotografia” (Galopim, 2006), e que ia “reinventá-lo de forma gradual” (Lusa, 12/01/2006), tal não se verificou. Pelo contrário. Não obstante o ganho proporcionado pela cor (algo a que a página do DNJ muito raramente tinha direito quando integrada no caderno principal do DN), o espaço do DNJ na 6ª, já de si diminuto dado o formato desta, substancialmente menor que uma página de jornal, teve diversas vezes de aceitar a vizinhança de anúncios e passou a ser publicado sem regularidade.

Consultando a revista, verifica-se que as faltas começaram a registar-se a 28 de Julho de 2006, repetindo-se em Agosto e Dezembro desse ano e em Janeiro e Março de 2007, num total de sete ausências integrais. Note-se ainda que, a 9 de Fevereiro de 2007, o DN Jovem na 6ª se resumia a uma coluna encimada por uma nota que alertava para remodelações em curso – promessa mais uma vez gorada, na medida em que, na semana

seguinte, a página foi editada nos moldes usuais, cedendo um quarto do seu espaço à publicidade, como sucederia noutras 15 edições da revista.

Voltando a falhar a 16 de Março, o DN Jovem fez a sua última aparição impressa no dia 30 desse mês, estando, portanto, ausente do último número da 6^a, que terminou a 6 de Abril de 2007, por decisão da equipa que entretanto assumira a direcção do DN.

4.3. Instabilidade no DN e futuro do DNJ

O declínio vivido pelo DNJ desde a sua transição para a Net e, sobretudo, a turbulência que acompanhou o seu último ano de existência não podem ser cabalmente entendidos se dissociados da instabilidade vivida no próprio DN, que em Agosto de 2005 mudou das mãos da PT para a Controlinveste e teve cinco directores entre 1996 e 2007.

Assim, se ao assumir a Direcção do jornal, em Setembro de 2005, António José Teixeira ponderou a aplicação de um plano de resgate do suplemento, também é certo que não o chegou a concretizar, pois foi substituído no cargo por João Marcelino em Março de 2007, ocasião em que o cenário de quebra de vendas do jornal era de tal modo dramático que as hipóteses de a sobrevivência do DNJ se tornar uma questão prioritária eram ínfimas.

À data das entrevistas, a coordenação do DN Jovem ainda parecia à deriva no que respeitava aos planos da nova Direcção para o DNJ, como o evidencia o discurso de Sandra França:

Não sei até que ponto os jornais – sabendo hoje que têm a concorrência dos blogs e de muitas outras iniciativas na Net – acham que uma coisa da natureza do DN Jovem já não se justifica. Não sabemos o entendimento deles.

A nova equipa dirigente do DN incluiu Catarina Carvalho, que coadjuvara Manuel Dias em muitas edições do DNJ em papel e que, a 26 de Julho de 2007, quatro meses passados sobre a suspensão do espaço digital, questionámos sobre o destino do suplemento.

Tal como Mário Resendes nos disse que a panóplia de solicitações a disputar o tempo livre dos jovens “não tem funcionado em favor da escrita”, também a então subdirectora do DN o assinalou.

Catarina Carvalho sublinhou que as pessoas “lêem cada vez mais tarde jornais em papel e algumas nunca chegam a pegar neles”, não fazendo, por isso, sentido imprimir um jornal para jovens, faixa etária presumivelmente mais inclinada para os novos suportes do que para os meios tradicionais.

5. A dicotomia papel/digital

A migração dos conteúdos do DNJ do suporte impresso para o virtual teve lugar num momento em que as potencialidades dos meios digitais eram exaltadas e o espectro da extinção ensombrava o futuro do papel apoiando-se, entre outros aspectos, na crise que se acentuava na imprensa e num crescente questionamento da longevidade dos livros no seu suporte tradicional.

Tratando-se de um suplemento artístico, com ligeira predominância da vertente literária, incluso num diário nacional, o DN Jovem, sobretudo no formato de caderno, situava-se a meio caminho entre o jornal e o livro e a migração dos seus conteúdos poderia funcionar como um balão de ensaio para a apetência juvenil pelas novas tecnologias. O que falhou, então?

Em entrevista a 4 de Maio de 2007, Nuno Galopim declarou que a migração não resultou por se ter constituído numa “aventura pioneira ceifada, de certa maneira, por mais olhos que barriga”, já que o deficiente acesso à Net não foi devidamente ponderado e acabou por fazer sucumbir o projecto.

5.1. Uma polémica antiga e inconclusiva

Uma análise à transição do DN Jovem realizada mais de 10 anos após a sua concretização tem vantagens imprimidas pela distância com que observamos os factos e pela possibilidade de avaliar as suas consequências. Contudo, tal não deve fazer-nos esquecer o contexto da tomada de decisão.

Ou seja, independentemente do peso que o factor económico teve no veredicto, as expectativas inerentes ao surgimento da Internet eram, de facto, na altura, muitíssimo elevadas, havendo quem aventasse a hipótese de ela funcionar como epicentro de uma nova espiritualidade ou a apresentasse como a via óptima para um reencontro global da espécie humana consigo própria (Lévy, 2000, p. 20).

Em termos mais práticos, as já referidas apreensões quanto ao seu impacto nos suportes impressos estavam na ordem do dia à data da transição e, como noutros pontos da Europa, em Portugal o tema deu azo a debates e a produção bibliográfica que hoje nos serve de testemunho.

No que se refere à imprensa, encontramos uma desdramatização da ameaça no “Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal” (MSI, 1997, p. 7), que veicula uma imagem de saudável convivência:

Os computadores fazem parte da nossa vida individual e colectiva e a Internet e o multimédia estão a tornar-se omnipresentes. Contudo, tal como a rádio não substituiu os espectáculos ao vivo, a televisão não faz as vezes da rádio, o cinema não fez desaparecer o teatro, estes novos meios também não irão substituir os livros e outros meios tradicionais, mas simplesmente acrescentar as suas capacidades adicionais ao leque de opções disponíveis.

Portanto, a implantação de um novo media não arrasa a concorrência mas, ao requerer parte do espaço ocupado pelos já existentes, obriga a uma redistribuição do tempo do público.

No plano editorial, José Afonso Furtado alegava que a rapidez das novas transformações gerava das visões mais optimistas, que davam o livro de boa saúde e pronto para enfrentar o futuro, passando pelas teses que o viam a coexistir pacificamente com as edições electrónicas, até às concepções pessimistas, que reivindicam “uma estratégia de enérgica resistência” (1996, p. 84).

Anos passados, torna-se impossível não reconhecer o predomínio da cultura digital sobre a livresca, mas não é menos seguro dizer-se que o papel tem demonstrado uma capacidade de sobrevivência tenaz, resistindo ao vaticínio da extinção e continuando a semear afectos.

Não fosse assim e como explicar que colaboradores que nunca conheceram o caderno DN Jovem tenham afirmado, nas entrevistas que nos concederam, o seu apego ao papel em detrimento do online?

5.2. O encanto do papel na era virtual

Entrevistados, a 16, 17 e 24 de Maio de 2007, respectivamente, três colaboradores da fase digital do DNJ – Golgona Anghel, Carolina Moscoso e Rodrigo Francisco – apontaram diversas razões para a sua preferência. Enquanto Carolina Moscoso salientou a memória deixada pela folha de jornal em quem a vê, Golgona Anghel destacou a maior seriedade e realidade do que fica em letra de forma e Rodrigo Francisco pôs a tónica no prestígio de se ter um espaço na imprensa.

Pessoalmente, gostava mais de ver os meus desenhos impressos do que na Internet, porque, hoje em dia, com a generalização do acesso, também há uma banalização muito grande do que lá existe. E acho que não é dada a devida importância porque qualquer pessoa pode pôr coisas na Internet, pode publicar, pode criar blogs, sites. Em papel, é diferente.

As palavras são de Carolina Moscoso, para quem, quando uma imagem surge numa folha de jornal, “é uma coisa que está publicada fisicamente e que circula e as pessoas têm outra memória dela”.

O papel colhe igualmente a simpatia de Rodrigo Francisco, que recordou a emoção sentida “quando um tipo vê o nome e um título dele no jornal e tem noção de que há pessoas que vão ler aquilo”. Essa foi “uma experiência que o DN Jovem proporcionou e que agora já ninguém proporciona”, lamentou, não escondendo o entusiasmo que sentiria se voltasse a existir o formato de caderno: “Claro que, em força, eu tentava ocupar o máximo de espaço no DN Jovem para que o maior número de pessoas me lesse”.

Colega de faculdade de Rodrigo Francisco, também Golgona Anghel sublinhou o seu afecto pelo papel, onde existe “uma realidade maior daquilo que fazemos”, e recordou a alegria que a inundava “quando via um texto publicado na versão impressa, mesmo que fosse só um pequeno troço de uma página”.

Assegurando que, se pertencesse à geração dos autores que publicaram no caderno, “teria colaborado mais”, Golgona Anghel reagiu à ideia de um DNJ destacável com um: “É óbvio que gostava que houvesse uma versão maior em papel, mesmo não tendo conhecido a que existiu”. “Talvez pensasse que teria uma possibilidade maior de ser lida”, justificou, considerando que “quando temos um formato em papel temos uma coisa séria, mais séria”, sendo, por isso, “impossível” o digital vir, algum dia, a suprimir o papel.

Faria, então, sentido, nos dias de hoje, um DNJ nos moldes do antigo destacável? Golgona Anghel não hesita: “Se houvesse um referendo, eu votava nesse sentido”.

6. Bibliografia

Livros e artigos científicos

AA. VV. (1990). *Antologia DN Jovem*, Lisboa: Diário de Notícias

Cardoso, Gustavo, Costa, António Firmino da, Conceição, Cristina Palma & Gomes, Maria do Carmo (2005). *A Sociedade em Rede em Portugal*, Porto: Campo das Letras

Chavis, David M. & Mcmillan, David W. (1986). Sense of Community: A Definition and Theory”. *Journal of Community Psychology*, Vol. 14, pp.6-23

Graça, Luís (1998). Atravessar a Crise a Correr na Pista Oito. In AA. VV., *Jornalismo Virtual, Jornalismo Real – Documentos, Teses, Conclusões*, Lisboa: Comissão Executiva do 3º Congresso dos Jornalistas Portugueses, pp.313-315

Lévy, Pierre (2000). *World Philosophie*, Paris: Odile Jacob

MSI (1997). *Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal*, Lisboa: Missão para a Sociedade da Informação/Ministério da Ciência e da Tecnologia

Peixoto, José Luís (2002). *Morreste-me*, Lisboa: Temas e Debates

Tonnies, Ferdinand (1979). *Comunidad y Asociación*, Barcelona: Ediciones Península

Imprensa e Internet

Abrantes, José Carlos (2007, 8 de Maio). (O) DN Jovem. *DN*, p.8

Agualusa, José Eduardo (2007, 1 de Julho). O meu primeiro livro. *Público – Pública*, p.28

Almeida, Marina (2004, 6 de Outubro). Manuel Dias recebe comenda como ‘artesão’ do DN Jovem. *DN*, p.52

DN (24/05/1983)

DN – DN Jovem (30/05/1993)

DN – DN Jovem (21/05/1996)

DN – DN Jovem (28/05/1996)

DN (28/12/1997)

Furtado, José Afonso (1996). O Livro, a Sociedade de Informação e a Ordem Mundial. *Ler*, 34, pp.83-87

Galopim, Nuno (2006, 12 de Janeiro). 6ª – Uma Nova Revista de Artes e Espectáculos. *DN*, p.41

Graça, Luís e Lopes, Nuno Garcia (1993, 30 de Maio). Faz lembrar a queda do Império Romano. *DN – DN Jovem*, p.5

Lusa (05/10/2004). Cultura: Papel do DN Jovem reconhecido com distinção do Presidente da República.

Lusa (22/05/2003). DN Jovem: Vinte anos de carolice e paixões com alguma incerteza no futuro.

Lusa (12/01/2006). Imprensa: Nova revista do DN 6ª aposta na divulgação da actualidade cultural.

Nunes, Ricardo (2007). Edição Online do Diário de Notícias – Contributos para uma Reflexão. *Só Textos*. URL: <http://sotextosmesmo.blogspot.com/2007/04/estudo-sobre-edio-online-do-dn.html> (14 de Jan. de 2008)

Salazar, Tiago (2000, 9 de Agosto). Galeria de notáveis. *JL – JL/Educação*, pp.6-7

Entrevistas

Manuel Dias – 17 de Abril de 2007 no Parque Eduardo VII (Lisboa), complementada por um memorando de 18 de Outubro de 2007

José Mário Silva – 2 de Maio de 2007, no DN (Lisboa)

Nuno Galopim – 4 de Maio de 2007, no DN (Lisboa)

Golgota Anghel – 16 de Maio de 2007 na Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa)

Carolina Moscoso – 17 de Maio de 2007 na Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa)

Mário Mesquita – 18 de Maio de 2007 na Fundação Luso-Americana (Lisboa)

Rodrigo Francisco – 24 de Maio de 2007 no Teatro Municipal de Almada

Mário Bettencourt Resendes – 28 de Maio de 2007 no DN (Lisboa)

Catarina Carvalho – 26 de Julho de 2007 no DN (Lisboa)

Susana Paiva – 26 de Julho de 2007 na Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa)

Luís Filipe Silva – 27 de Julho de 2007 no Parque Eduardo VII (Lisboa)

¹ Entre Março e Junho de 2003, o estudo questionou 2.450 pessoas acerca do acesso à rede e da utilização da mesma, concluindo que apenas 21 inquiridos (0,8%) tinham acesso à Net em casa em 1996.

² À data, o DNJ já não era autónomo do DN, pelo que o indicamos aqui como uma secção (DN-DNJ).